

DOI:

Artigo

**UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA
INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA**

A GUARDIAN SPACE OF THE MEMORY OF THE BLACK HEROINE OF
INDEPENDENCE: MARIA FELIPA'S HOUSE

Raphael Rodrigues Vieira Filho¹ - 0000-0002-1358-0863

Lucineide Santos Vieira² - 0000-0001-9335-3355

¹Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Brasil - raphafilho@gmail.com

²Secretaria de Educação da Bahia, Salvador, Brasil - mestradolucineide@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar a história, organização, projetos, realizações e a divulgação do Centro de Visitação, Estudos, Pesquisas e Empreendimentos Étnico-Culturais - Casa de Maria Felipa. Partindo das questões: Como foi constituído esse acervo e como podemos utilizá-lo para promover a educação étnico-racial, a valorização da identidade e a preservação da memória de Maria Felipa de Oliveira? Iniciamos como uma pesquisa bibliográfica e documental tradicional e no período pandemia de COVID19, desenvolvemos alternativas para colher as informações em meios digitais e por meios digitais, adaptando instrumentos para serem utilizados de forma remota. As análises foram realizadas cruzando dados bibliográficos e os colhidos nas plataformas e redes digitais. Constatamos que a memória de Maria Felipa, heroína negra da Independência na Bahia, de acordo com a Lei nº 13.697/2018, tem na Casa que leva seu nome um importante local de preservação de sua memória, que pode ser utilizado didaticamente de diversas formas e contando com uma pequena equipe extremamente engajada e competente, porém com pequeno orçamento para manter adequadamente esse grande equipamento para pesquisas e projetos didáticos.

Palavras-chave: Casa de Maria Felipa; Memória; Acervo Cultural; educação étnico-racial

Abstract: This work aims to present the history, organization, projects, achievements and promotion of the Center for Visitation, Studies, Research and Ethnic-Cultural Enterprises - Casa de Maria Felipa. Starting from the questions: How was this collection created and how can we use it to promote ethnic-racial education, the appreciation of identity and the preservation of the memory of Maria Felipa de Oliveira? We started as traditional bibliographic and documentary research and during the COVID19 pandemic period, we developed alternatives to collect information in digital media and through digital means, adapting instruments to be used remotely. The analyzes were carried out by crossing bibliographic data and data collected on digital platforms and networks. We found that

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 66 - 82

Recebido: 19 de Novembro de 2023

Aprovado: 15 de Dezembro de 2023

Publicado: 31 de Dezembro de 2023

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

the memory of Maria Felipa, black heroine of Independence in Bahia, according to Law nº 13,697/2018, has in the House that bears her name an important place to preserve her memory, which can be used in different ways and counting with a small, extremely engaged and competent team, but with a small budget to adequately maintain this large research equipment

Keywords: Casa de Maria Felipa; Memory; Cultural Collection; ethnic-racial education

Introdução

De acordo com Pollak (1992), entendemos que a construção de identidades está relacionada à memória e ela permite que cada geração estabeleça vínculos com as gerações passadas. Nessa perspectiva, a memória guardada no acervo existente na Casa de Maria Felipa, no bairro da Liberdade, aqui é entendida como “[...] patrimônio histórico e um dos lugares de memória” (BITTENCOURT, 2008). Ele também se coloca como responsável por manter viva a memória e preservar as lembranças dos feitos históricos de Maria Felipa, que por sua condição de mulher, negra e pobre foi silenciada e/ou esquecida nos registros oficiais.

A Casa de Maria Felipa foi fundada em 20 de fevereiro de 2004 e inaugurada em 17 de dezembro de 2005 por professoras da família das Virgens. Ela está situada na Rua do Curuzu, nº 197, no bairro da Liberdade, Salvador, Bahia. O Curuzu foi incluído na lista de bairros de Salvador em novembro de 2017, por meio da Lei Municipal nº 9.278/2017 - ou seja, foi uma inclusão a partir de uma determinação legislativa, porém é uma localidade que cresceu com autonomia e identidade próprias.

O Curuzu é um dos maiores redutos de resistência e autoafirmação da população negra no Brasil, principalmente desde a década de 1970, com a criação bloco afro Ilê Aiyê que trouxe vigor e autoestima para a população negra baiana. Vale destacar que a Rua do Curuzu se tornou uma das mais conhecidas do bairro da Liberdade devido às saídas do Ilê Aiyê no Carnaval.

Tendo em vista a pandemia do COVID19 e o decreto de isolamento social, a Casa de Maria Felipa ficou fechada de 2020 a 2022 e pela falta de recursos e apoio governamental permanece fechada para visitação, pois necessita de reformas para adequação de uso e conservação do acervo.

Pesquisa em tempos de Pandemia COVID19

As informações sobre a historicidade, organização, projetos e realizações da Casa de Maria Felipa foram pesquisadas através das redes sociais da instituição – blog, página

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

e grupo no Facebook, Instagram e postagens no Youtube – e de documentação enviadas pela equipe coordenadora via e-mail. Para fundamentar o uso da internet como lócus de pesquisa nos embasamos nos estudos de Telma Brito Rocha (2018), onde afirma que:

As redes são altamente dinâmicas e complexas, incluindo, além das ligações entre documentos, postagens, mensagens, toda uma totalidade de relações sociais. [E assim a] internet sendo um espaço de produção de cultura, ultrapassa a noção instrumentalizadora de concepções metodológicas que desprezam o ciberespaço e as relações virtuais como espaço de pesquisa. (ROCHA, 2018, p. 238-241)

Além das redes sociais, contamos também com a pesquisa de Livia Prata da Silva (2018). A pesquisadora afirma que a Casa de Maria Felipa nasceu de um desejo familiar em promover para comunidade um espaço onde se pode compartilhar o conhecimento, a tradição, a ancestralidade e a preservação da família:

A Casa de Maria Felipa é um espaço criado por Hilda e suas irmãs, localizado na comunidade do Curuzu, em Salvador-BA. Professoras, as irmãs contam que sempre leram muito devido a influência do pai, que era contador de histórias. Em sua família, o mais importante era obter e compartilhar conhecimento; esse sempre foi o valor seguido por todas, chegando inclusive a abrigar uma biblioteca da comunidade antes de se tornar a casa de Maria Felipa. As irmãs da casa de Maria Felipa têm opinião firme sobre ancestralidade: principalmente para o povo negro, conhecer suas origens, reverenciar seus heróis e outros atos no qual se observa a história é imprescindível para o processo de empoderamento enquanto negra e mulher. (SILVA, 2018, p. 21-22)

Conforme observamos no trecho acima e em toda nossa experiência com elas, as irmãs fundadoras da Casa de Maria Felipa, valorizam a identidade das populações negras e suas culturas proporcionando um espaço de preservação do patrimônio, mas também de reconhecimento da diversidade e de construção de uma história decolonial e afrocentrada.

Memória, História e Educação em um espaço afrocentrado

A Casa de Maria Felipa antes da atual reforma era composta por espaços e compartimentos distintos conforme a descrição feita por Silva (2018):

Na primeira sala, ao entrar na casa, vendem-se produtos criados por elas [as irmãs que criaram a Casa] cuja renda ajuda a manter os custos do espaço [...] Ao entrar na segunda sala à esquerda, temos um breve apanhado da história de Maria Felipa por meio de um texto contando quem foi e seus feitos conhecidos, objetos utilizados em sua época como o ferro de passar e panelas de ferro, bustos de madeira de origem sudanesa feitos por um artista africano; e outros bustos, como os utilizados no desfile de 2 de julho. Também há um quadro feito por um artista local, representando Maria Felipa e as mulheres que liderou. Há também exemplos da indumentária usada no desfile, inspirada em Maria Felipa. Sobre a casa, também existem troféus e prêmios recebidos pelo governo de Salvador e outras associações. Por fim,

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

existem textos sobre as Kandaras, rainhas do Egito e África cuja história é uma inspiração para os negros pelo poder político e social que possuíam e cuja ancestralidade acredita-se que seja responsável pela força interna do povo negro. (SILVA, 2018, p. 21)

Sendo assim, a Casa de Maria Felipa foi criada para atuar como um espaço de cultura visando preservar e salvaguardar a memória, a história, a identidade e servir como um espaço guardião da identidade e representatividade da heroína negra da Independência, além de favorecer a construção e valorização de uma identidade negras.

Segundo Livia Prata da Silva (2018) a Casa de Maria Felipa tem os seguintes aspectos que a caracterizam:

- missão = promover a arte e a cultura como forma de educação e integração de todas as criaturas, independente de raça, credo e naturalidade,
- visão = ser reconhecida como uma Entidade que preserva a memória afrodescendente transformando-se em um Centro de Excelência em visitação da Cidade de Salvador
- valores = Compromisso Ético; Respeito à cultura e à tradição; Responsabilidade com as questões sociais, culturais e ambientais; Prestação de serviço de qualidade. (SILVA, 2018)

A casa tem como um dos principais objetivos guardar, valorizar e promover a memória coletiva sobre Maria Felipa de Oliveira, mulher negra guerreira da ilha de Itaparica e assim reafirmar a presença do negro e sua importância histórica nas batalhas da Independência do Brasil na Bahia. Para tanto, a casa guarda um acervo dos feitos históricos de Maria Felipa.

Em nossa visita tivemos acesso ao acervo da casa, onde encontramos: o desenho do busto de Maria Felipa, as cartas de cessão com depoimentos dos itaparicanos, o laudo grafotécnico da Perita técnica Filomena Orge, o artigo A Heroína da Resistência no jornal A Tarde – Sessão Cultural, de 04 set. 2004, cópias do Projeto 007/94 e da Lei 399/94 de Vera Cruz – Ilha de Itaparica sobre a Medalha Maria Felipa, o resumo da comunicação de Priscila Caldas, a ata da Associação Zé do Vale, jornais, as obras de Osório (1079), Marques (1976) e o livro Maria Felipa de Oliveira Heroína da Independência da Bahia, da pesquisadora e Profa. Dra. Eny Kleyde (2010), uma das poucas produções acadêmicas sobre Felipa.

O saudoso Prof. Dr. Ubiratan Castro (2010, p. 15), ressalta que “[...] diante da escassez de evidências históricas sobre a vida e a obra da heroína [Eny Kleyde Farias (2010)] colecionou todos os fragmentos de memória sobre a heroína, preservados na memória do povo de Itaparica”.

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

A memória é um dos principais suportes dos momentos vivenciados pelas pessoas em suas relações na sociedade e é uma ferramenta importante no processo de conhecimento e valorização dos personagens envolvidos e dos processos históricos. Consequentemente, podemos compreender que a memória é importante na continuidade comunitária, de coesão e coerência de uma pessoa ou de um grupo em seu processo de construção e reafirmação da identidade (POLLAK, 1992).

É importante entender a memória como uma ferramenta valiosa na nova proposta metodológica de investigação do passado histórico, tendo como ponto de partida o rompimento com o silenciamento e o esquecimento de personagens que não eram inseridos nos documentos e registros oficiais.

Conforme nos ensina Gonzalez (2020)

[...] a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção [...] a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadadas do discurso da consciência. (GONZALEZ, 2020, p. 78).

Assim, temos na memória um caminho para a busca por respostas sobre nossos antepassados e antecedentes diferente daquele imposto por uma História Única (ADICHIE, 2019). Nesta perspectiva, entendemos que a tradição e a memória das populações negras contribuem para a democratização da história, que vai além das narrativas nos documentos oficiais que silenciaram e esqueceram dos fatos históricos de personagens importantes para as populações negras como Maria Felipa de Oliveira.

Também faz parte do acervo da Casa de Maria Felipa as Cartas de Cessões, documentos registrados em cartório contendo os depoimentos e declarações ou a escrita em próprio punho dos moradores mais antigos, descendentes de Maria Felipa e Itaparicanos entrevistados pela Profa. Dra. Eny Kleyde Farias, que por mais de oito anos coletou informações sobre os feitos de Maria Felipa construindo uma narrativa histórica a partir da memória coletiva, que nunca foi valorizada pelos documentos oficiais.

Ubiratan Castro de Araújo (2010) deu o respaldo acadêmico às Cartas de Cessão afirmando que Farias (2010):

Fixou em documento escrito, as Cartas de Cessão, as lembranças de descendentes da heroína e de populares Itaparicanos, de modo a constituir um corpo de evidências sobre Maria Felipa, verdadeiro patrimônio imaterial do povo da Bahia. Ao ler esse trabalho, senti-me como se estivesse transportado para um antigo tribunal britânico, em que os depoimentos populares confirmassem o direito tradicional não escrito. Esta operação de salvamento de tradição foi solidamente

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

referenciada pela teoria histórica e antropológica e contextualizada em uma pertinente história da Guerra de Independência na Ilha de Itaparica. (ARAUJO, 2010, p. 15)

Nesse sentido, a memória torna-se uma das ferramentas que ajuda a dar respostas aos questionamentos humanos trazendo possibilidades de leitura. Uma grande contribuição das Cartas de Cessão foi que através das informações registradas, foram encontrados descendentes de Maria Felipa de Oliveira, comprovando assim que ela existiu:

Maria Felipa morava em uma delas - Gameleira/ Ponta das Baleias. Conheci seus tataranetos em reunião da Associação Zé de Vale no dia 07 de maio de 2003, que tinha como objetivo preservar a memória de Maria Felipa. Dentre eles conheci Aloísio Monteiro Pires, Anita Monteiro Pires e Alzira Pires Borges. (NASCIMENTO, 2004)

A partir de tais Cartas de Cessão foram documentadas redes de parentescos de Maria Felipa, informações sobre suas características físicas e com esses dados foi possível realizar um esboço do rosto de Maria Felipa de Oliveira, que também encontramos no acervo da Casa de Maria Felipa, feito pela perita técnica Filomena Modesto Orge (2005) que em seu laudo afirma:

Historiadores e literatos, com destaque para Ubaldo Osório em Ilha de Itaparica e Xavier Marques em O Sargento Pedro, atribuíram a ela alguns adjetivos que nortearam a composição da imagem [...] O retrato de Maria Felipa de Oliveira foi construído com subsídios históricos, literários, e da tradição oral, numa representação do imaginário, dando a esta personagem um rosto, e que assim possa ser identificada e lembrada como a Heroína Negra da Independência da Bahia. (ORGE, 2005, p. 16-17)

Figura 1 – Maria Felipa. Busto



Fonte: Reprodução do Retrato Falado realizado pela perita Filomena M. Orge (2004), Acervo Casa de Maria Felipa

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

Observamos que Maria Felipa foi retratada como uma mulher negra retinta, forte, grande, usando torço e roupas brancas. Nos traços do desenho podemos ver as bases fixadas na memória popular, registrados nas Cartas de Cessão e nas narrativas de Marques (1976) e Osório (1979), escritores itaparicanos que tratam da heroína negra em suas obras: a valentia, a coragem e o espírito guerreiro de Maria Felipa nas suas ações nas lutas pela Independência da Bahia, junto com seu grupo.

Lívia Prata da Silva (2018) destaca a importância dos registros orais para dar legitimidade aos grupos marginalizados da Ilha de Itaparica:

Maria Felipa está presente na memória coletiva da Ilha até hoje, com registros orais de seus feitos e de sua personalidade preservados por historiadores, pesquisadores e escritores [...] principalmente no caso de grupos marginalizados e classes populares, esse tipo de registro histórico se torna cada vez mais legítimo. (SILVA, 2018, p. 9)

No entanto, observamos que, quando se faz referência à Maria Felipa, constantemente ocorre o uso equivocado de imagens de escravizadas e outras mulheres negras e o único retrato de seu rosto e seu busto ainda é pouco valorizado.

Escrevendo sobre os silenciamentos impostos pela história oficial, fazendo ressurgir as memórias subterrâneas estudadas por Pollak (1989) e Conceição Evaristo (2017) nos faz pensar no sobre elas:

[...] silêncio imposto aos marginalizados, àqueles que ficam esquecidos em lugares de visibilidade pautada na violência e na degradação, consegue, então, ser ouvido através de ações que vasculham o que foi ocultado ou o que registra a fala dos que vivem vidas tão pequenas, que se perdem na premência do dia a dia. (EVARISTO, 2017, p. 191)

É importante, assim, que haja um amplo conhecimento e divulgação da história de Maria Felipa e suas ações na Guerra da Independência na Bahia, inclusive seu retrato, feito por uma perita técnica a partir dos relatos orais dos itaparicanos e de seus descendentes registrados nas Cartas de Cessão guardadas no acervo da Casa de Maria Felipa.

As cartas de cessão arquivadas no acervo da Casa de Maria Felipa no Curuzu, são registros da memória coletiva do povo de Itaparica, memória esta que pode ser compreendida como patrimônio histórico e cultural, memórias subterrâneas voltando à tona e proporcionando uma nova versão da história.

O patrimônio cultural é tão importante que em nossa Constituição de 1988, está destacado no artigo 216:

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

[...] o patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomadas individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I – as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, ecológico e científico. (BRASIL, [1988] 2001)

Nosso país tem um patrimônio riquíssimo, que não é preservado como deveria exatamente pela falta de conhecimento da população. A educação patrimonial deve ser urgentemente inserida nos programas escolares, possibilitando aos professores trabalharem a memória dos grupos locais e não só a memória nacional cristalizada na historiografia dos poderosos e dominantes. Torna-se assim importante uma educação patrimonial decolonial e a Casa de Maria Felipa é um local de guarda para isso.

Nascimento (2019) afirma que a memória das gerações mais antigas pode ser transmitida, recontada para as próximas gerações e assim conservar essas experiências de vida e resistência que foram invisibilizadas, como a de Maria Felipa de Oliveira que “[...] esteve fora dos livros oficiais e didáticos durante séculos, mas sobreviveu na cultura oral, constituindo um patrimônio histórico-cultural brasileiro e baiano” (NASCIMENTO, 2019, p. 271).

A Casa de Maria Felipa também funciona como um local de discussão e exposição sobre a cultura através da organização de um Café Filosófico, contribui para a formação de novos artistas com Oficinas de Artes e divulga obras através de um espaço na casa servindo de Galeria de Artes. Ademais dentre as diversas ações socioculturais para a comunidade do Curuzu, soteropolitanos e todos os visitantes, destacamos: o Desfile Cívico Dois de Julho, a Encenação dos Bailes Pastoris; a Cerimônia do título Maria Felipa da Contemporaneidade; a Biblioteca Viva – Portal da Cultura (A CASA de Maria Felipa, 2010).

Nesses mais de 15 anos de existência, conforme seu sítio na internet, além da preservação de importante acervo sobre a Guerra de Independência na Bahia, a Casa de Maria Felipa conseguiu os resultados expressivos também no campo da cultura: Resgate dos textos dos Bailes Pastoris através da oralidade em reuniões com a família Virgens durante o período de 2000 a 2004; Encenação dos Bailes Pastoris nos natais de 2007, 2008 e 2009; Aumento de interesse da comunidade sobre temas relativos à

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

afrodescendência; Aceitação dos debates sobre temas como cotas nas escolas, no mercado de trabalho e racismo institucional (A CASA de Maria Felipa, 2010).

Pelos serviços prestados à comunidade do Curuzu e visitantes, sem nenhum fim lucrativo e qualquer ajuda governamental, a Casa de Maria Felipa aos longos dos anos conquistou diversas premiações que se encontram expostas: Mestre da Cultura Popular; Medalha Maria Felipa – D. Biloca [in memoriam] como artesã; Medalha Maria Felipa – modalidade: Projeto, Promovido pelo Instituto Humanicidade e SEMUR; Troféu Maria Felipa promovido pela Câmara dos Vereadores da cidade de Salvador; Troféu Maria Felipa - doado pela Prefeitura de Itaparica (A CASA de Maria Felipa, 2010).

A casa é um espaço de valorização do patrimônio histórico e cultural e divulgação da educação étnico racial das populações negras, mas é importante frisar, a principal motivação da Casa, promovendo e participando de diversas ações no tocante a fomentar, restaurar e valorizar a memória e a representatividade dos feitos históricos da mulher que lhe empresta o nome: Maria Felipa de Oliveira, conforme é possível verificar em seu sítio da internet:

[...] a participação de sessões de reconhecimento de Maria Felipa de Oliveira na Câmara de Vereadores de Salvador [...] a participação das caminhadas na Ilha de Itaparica na data de sua Independência, 7 de janeiro [...] visita ao grupo cultural Zé de Vale, em Gameleira, na Ilha de Vera Cruz; Organização de passeios com a comunidade para eventos na Ilha de Itaparica [...] a participação no cortejo cívico do desfile do Dois de Julho [...] (A CASA Maria Felipa, 2010).

A participação da Casa de Maria Felipa no desfile cívico do Dois de Julho começou no ano de 2006, quando Maria Felipa passou a ser homenageada no cortejo cívico do Dois de Julho, e isso provavelmente se deu graças ao impulso da visibilidade da história da heroína pelo Núcleo de Interpretação do Patrimônio das Faculdades Olga Mettig, com a pesquisa coordenada pela professora Eny Kleyde Vasconcelos Farias que assim fala do 2 de Julho:

A festa do 2 de Julho é viva, pulsante e comporta ainda muita imprevisibilidade [...] Em meio a tudo isso, buscou-se trazer à tona elementos do fio histórico reproduzidos no campo da festa atual, em que se inventou uma tradição atada a memórias permeadas dos heroísmos de personagens bravos e pitorescos, figuras representativas de uma ideia de Bahia e de Brasil vinculada ao Recôncavo. (FARIAS, 2017, p. 187)

A participação no desfile cívico do Dois de Julho pode ser compreendida como um novo momento social, com mudança de sensibilidade, maior visibilidade e promoção

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

de memória de feitos femininos e sua participação na Guerra da Independência, assim as inúmeras ações de Maria Felipa de Oliveira e seu grupo de mulheres ganham destaque.

No entanto, essa 1ª participação da Casa de Maria Felipa no desfile cívico do Dois de Julho homenageando Maria Felipa de Oliveira recebeu algumas críticas de historiadores eurocêntricos, sobre a falta de documentos comprovando a autenticidade histórica da heroína. As críticas indicam as disputas por uma “[...] memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor” (POLLAK, 1989, p. 8), retirando o protagonismo de mulheres negras e pobres, como Maria Felipa.

As críticas foram rebatidas com o comentário feito pelo secretário de Reparação de Salvador à época, Ailton Ferreira:

Infelizmente, vozes do racismo insistem em dizer que estamos inventando heróis de mentira. Vamos registrar tudo direitinho para que no futuro não digam que inventamos um Vovô do Ilê, uma Alaíde do Feijão, uma Makota Valdina, um Ubiratan Castro e por aí. Registre-se, portanto. No Curuzu, tem uma Associação bem em frente à Senzala do Barro Preto, que cuida da memória de Maria Filipa [...] (AFRO Imagem a Heroína Maria Felipa)

A disputa pela memória é travada todos os dias, as grandes personalidades negras e os acontecimentos envolvendo seu protagonismo são negligenciados pela historiografia eurocentrada. Conforme Pollak (1992, p. 5, grifos do autor): “[...] *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Inviabilizar a memória de personagens negras é desvalorizar a comunidade e sua construção de identidade, é tornar mais fraco o indivíduo e o grupo e suas contribuições para a história coletiva. É contra essa história única e eurocentrada que a Casa Maria Felipa trabalha.

Consciente do papel da oralidade, da memória coletiva e da representatividade feminina negra dessa personagem, a Casa de Maria Felipa nunca se rendeu às críticas e passou a firmar parcerias buscando enaltecer e validar a importância histórica das mulheres negras e em especial a memória de Maria Felipa.

A parceria que deu muita visibilidade para a Casa de Maria Felipa foi a realizada com a Câmara de Vereadores de Salvador quando da entrega do Prêmio Mulher Guerreira Maria Felipa, realizado pela Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, onde foram

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

homenageadas três quituteiras: Dona Zuzu, Dona Maria José e Anailza [Ninha] Reis, em 28 de julho de 2010.

À época a Dra. Gildete Virgens, uma das fundadoras e diretoras da instituição, e quem personifica Maria Felipa no desfile do Dois de Julho, foi uma das convidadas ilustres para discursar e enalteceu a importância da representatividade feminina negra e da Casa de Maria Felipa:

[...] é necessário também homenagear a memória de grandes mulheres como Mãe Menininha do Gantois, Maria de São Pedro, Tia Ciata, Mãe Hilda Jitolu, Dinha do Acarajé, Alzira (Biloca), Antonieta (Miúda), Zeferina, Luiza Mahin, Nice dentre outras. Todas estas mulheres estão simbolizadas na figura arquetípica da baiana Maria Felipa de Oliveira inspiradora deste prêmio. A Casa de Maria Maria Felipa, um dos atrativos do Curuzu Corredor Cultural da Liberdade, que tem como Missão “Promover a arte e a cultura como forma de educação e integração de todas as criaturas, independente de raça, credo e nacionalidade”, sentindo-se honrada em participar deste evento que certamente fará parte das páginas da história da Bahia e do Brasil [...] (VIRGENS, [2010] 2020).

Visando enaltecer essa representatividade feminina negra, desde 2009 a Casa de Maria Felipa promove uma de suas ações mais importantes: o Título Maria Felipa da Contemporaneidade. O título Maria Felipa da Contemporaneidade foi idealizado pela professora Hilda Virgens e tem o objetivo de destacar histórias de mulheres guerreiras que inspiram, transformam e ressignificam vidas de pessoas ao seu redor. Tendo em vista o isolamento social que vivemos gerado pela pandemia do COVID19 a entrega do Título Maria Felipa na Contemporaneidade nos anos de 2020, 2021 e 2022 ocorreu através do youtube da Casa Maria Felipa, quando foi entregue o título às mulheres brasileiras e africanas por apresentarem em suas trajetórias de vida o perfil da heroína negra da Independência: Maria Felipa de Oliveira. (QUER uma boa opção para amanhã?, 2020)

Em 28 de julho de 2023 a Casa de Maria Felipa retomou a entrega do Título Maria Felipa na Contemporaneidade na modalidade presencial e numa noite de muita emoção, reflexão sobre a importância do papel da instituição para a preservação da memória e da representatividade de Maria Felipa na contemporaneidade as fundadoras Hilda e Gildete Virgens e familiares, a coordenadora Valdiria Lopes e colaboradores, os moradores do Curuzu - Liberdade, representantes de instituições governamentais e de terreiros de Candomblé, amigos e parceiros presenciaram a 15a. cerimônia da entrega do Título Maria Felipa na Contemporaneidade às mulheres negras que se destacam no seu cotidiano profissional e social na sociedade baiana.

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

A Casa de Maria Felipa atua também como um espaço de manutenção não só da memória de Maria Felipa, mas de apoio e promoção da ancestralidade, do pertencimento e da identidade negra visando ser um espaço de afro identidade e valorização da mulher negra e sua descendência, promovendo assim um legado para as futuras gerações.

Sua importância foi reconhecida pelo poder municipal quando foi convidada para participar da inauguração do monumento em homenagem à Maria Felipa, criado pela artista plástica baiana Nádia Taquary, inaugurado em 27 de julho de 2023, do lado do Mercado Modelo, em Salvador. Na ocasião uma das irmãs fundadoras da instituição, Gildete Virgens, em entrevista ao Jornal Correio da Bahia afirmou a importância de tal ação institucional para romper com o silenciamento e o esquecimento de Maria Felipa. (NOVAES, 2023)

Entendemos também ser a Casa de Maria Felipa um espaço promotor da educação étnico racial e representatividade feminina negra onde alunos, professores e visitantes podem ter contato com um acervo rico, exercer o pensar de forma crítica e refletir sobre a História, a memória e a representatividade feminina negra.

Sobre o tal contexto ressalta Silva (2018):

A história pode e deve ser contada de forma analítica, promovendo o pensamento crítico e ensinando crianças e adolescentes a pensar por conta própria. Os benefícios de uma educação transformadora seriam incontáveis para as questões de gênero e representatividade [...] Valorizar a trajetória de mulheres importantes da nossa história por meio de iniciativas que busquem a sua difusão é uma iniciativa que pode contribuir para superar o problema da representatividade. (SILVA, 2018, p. 8)

Assim a Casa de Maria Felipa pode se configurar como uma ferramenta importante para escolas que adotem currículos e projetos pedagógicos centrados em uma educação antirracista, promovendo o reconhecimento do ato de educar e de educar-se como um político, compreendendo a importância da prática educativa como lugar para intervir e lutar (FREIRE, 2003).

Considerações Finais

A Casa de Maria Felipa no Curuzu, apesar de se manter arduamente sem nenhum amparo governamental, atua como um espaço voltado para a promoção da educação étnico-racial conforme as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais.

Concluimos que a Casa de Maria Felipa presta um serviço educacional e patrimonial importante para as escolas, para a comunidade do Curuzu e para toda

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

sociedade, pois promove a valorização da ancestralidade, da africanidade, da memória, da identidade cultural e da representatividade feminina negra.

Sendo assim, “[...] memória e educação são dois elementos importantes em nossa vida. Porque as memórias são dinâmicas e indispensáveis para a auto-representação e representação do outro numa constante interação entre passado, presente e futuro” (SANTANA, 2017).

Observamos que uma das recomendações relevantes dos PCNs (BRASIL, 1999) trata das relações entre história, memória e patrimônio que precisam ser apresentadas, debatidas e promovidas no processo ensino-aprendizagem, pois:

Um compromisso fundamental da História encontra-se na sua relação com a *Memória*, livrando as novas gerações da “amnésia social” que compromete a constituição de suas identidades individuais e coletivas. O *direito à memória* faz parte da *cidadania cultural* e revela a necessidade de debates sobre o conceito de preservação das obras humanas. A constituição do Patrimônio Cultural e sua importância para a formação de uma memória social e nacional sem exclusões e discriminações é uma abordagem necessária a ser realizada com os educandos [...] (BRASIL, 1998, p. 26. Grifo nosso.)

Constatamos assim, que a Casa de Maria Felipa é um espaço coletivo guardador da memória. Em nossa sociedade, a memória coletiva das populações negras dá origem a diversos espaços de memória, haja vista que “[...] onde quer que haja humanos, há história, com ou sem escrita!” (KI-ZERBO, 2009, p. 15)

A partir desta perspectiva, faz-se necessário compreender o papel da Casa de Maria Felipa e de seu acervo como elemento importante na valorização do patrimônio, identidade e da memória dos indivíduos e da comunidade (POLLAK, 1992), conferindo a eles o sentimento da coletividade, representatividade social e conhecimento histórico e identitário.

Referências

A CASA de Maria Felipa. **Casa de Maria Felipa – Curuzu -Liberdade**, 18 jul. 2010. Disponível em: <https://casademariafelipacuruzu.wordpress.com/a-casa-de-maria-felipa/>. Acesso em: 05 dez.2021.

ADICHIE, Chimamanda Ngoz. **O perigo de uma História Única**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2019. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5819069/mod_resource/content/1/Chimamanda%20Ngozi%20Adichie%20-%20O%20perigo%20de%20uma%20hist%C3%B3ria%20%C3%BAnica-Companhia%20das%20Letras%20%282019%29.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 66 - 82

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

AFRO Imagem a Heroína Maria Felipa. **Blogspot Casa de Maria Felipa**, 07 jan. 2009. Disponível em: <https://casademariafelipa.blogspot.com/> Acesso em: 05 dez. 2021.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. Apresentação. *In*: FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos. **Maria Felipa de Oliveira: heroína da independência da Bahia**. Salvador: Quarteto, 2010.

ARAÚJO, Ubiratan Castro de. Conheçam a história de Maria Felipa: importante personagem na Independência da Bahia. **Revista Raça**, n. 168, 2016. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/a-historia-de-maria-felipa>. Acesso em: 15 abr. 2022.

BAHIA. **Decreto n. 19.586**, de 27 de março de 2020. Ratifica declaração de Situação de Emergência em todo o território baiano, para fins de prevenção e enfrentamento à covid-19, e regulamenta, no estado da Bahia, as medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus. Ondina, 27 mar. 2020. Disponível em: <http://www.casacivil.ba.gov.br/arquivos/File/DECN19586DE27MARCO2020.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2022.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Conteúdos e métodos de ensino de História. *In*: BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. Cap. 2. Disponível em: <file:///C:/Users/LUCINEIDE/Downloads/bittencourt-circe-ensino-de-historia-fundamentos-e-metodospdf.pdf>. Acesso em: 23 Set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

BRASIL. Lei nº 13.697, de 26 de julho de 2018. Inscreve os nomes de Maria Quitéria de Jesus Medeiros, Sórora Joana Angélica de Jesus, Maria Felipa de Oliveira e João Francisco de Oliveira (João das Botas) no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, p. 1, 27 jul. 2018. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13697-26-julho-2018-786998-publicacaooriginal-156064-pl.html>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ESCOLA Municipal de Lauro de Freitas visita a Casa de Maria Felipa. **CASA DE MARIA FELIPA**. [S.l.: s.n.], 2011. Disponível em: <https://casademariafelipacuruzu.wordpress.com/2011/09/06/escola-municipal-de-lauro-de-freitas-visita-a-casa-de-maria-felipa/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

**UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA
INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA**

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

FARIAS, Eny Kleyde Vasconcelos. **Maria Felipa de Oliveira**: heroína da independência da Bahia. Salvador: Quarteto, 2010.

FREIRE, Paulo. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. *In*: FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade**: e outros escritos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira [1984]. *In*: RIO, Flávia; LIMA, Márcia (Orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano** – Lélia González. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 75-93.

INSTITUTO REPARAÇÃO. **Instituto Reparação Homenageou a heroína brasileira Maria Felipa**. Salvador. 02 jul. 2022. Instagram: @institutoreparacao. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cfhh2iWp4W6/?hl=pt-br%2F&img_index=1. Acesso em: 4 out. 2022

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando África?** Entrevista com René Holenstein; tradução Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

MARIA Felipa na contemporaneidade. **CASA DE MARIA FELIPA**. Salvador, 01 de dez. 2021. Facebook: mariafelipa.oliveira10. Disponível em: <https://www.facebook.com/mariafelipa.oliveira.10>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MARQUES, Celso Freire Xavier. **Carta de Cessão**. Destinatário: Faculdade Olga Metting. Itaparica, BA: Acervo da Irmandade de Nossa Sra. do Rosário dos Homens Pretos, 4 nov. 2009. 1 carta.

MARQUES, Xavier. **O Sargento Pedro: tradições da Independência**. 3. ed. São Paulo: GDR, 1976.

NASCIMENTO, Carlos Eduardo Gomes. Pensar o passado, narrar as histórias dos afrodescendentes na Bahia: recontando a vida de Maria Felipa no Ensino Fundamental. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 263-277, 2019. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/479>. Acesso em: 10 fev. 2021.

NASCIMENTO, Margarida Lopes. **Carta de Cessão**. Destinatário: Faculdade Olga Metting. Vera Cruz, BA: Acervo da Irmandade de Nossa Sra. do Rosário dos Homens Pretos, 16 jul. 2004. 1 carta.

NOVAES, Weldel de. Reconhecimento material: Maria Felipa ganha monumento em Salvador. **Correio da Bahia**. 27 jul. 2023. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/minha-bahia/reconhecimento-material-maria-felipa-ganha-monumento-em-salvador-0723>. Acesso em: 27 jul. 2023.

OLIVEIRA, Hilda Xavier de. **Carta de Cessão**. Destinatário: Faculdade Olga Metting. Carta. Vera Cruz, BA: Acervo da Irmandade de Nossa Sra. do Rosário dos Homens Pretos, 16 jul. 2004. 1 carta.

ORGE, Filomena Modesto. Retrato Falado com Retoques Subjetivos de Personagens Históricas (Artigo Original). **PROVA MATERIAL. Revista Científica do**

Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino
ISSN 2595-6361

Vol. 6, N. 12, ano 2023, páginas 66 - 82

**UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA
INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA**

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

Departamento da Polícia Técnica da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, Salvador, v. 2, n. 4, abr. 2005. Disponível em:

<http://www.dpt.ba.gov.br/arquivos/File/provamaterial4.pdf>. Acesso em: 7 out. 2023.

OSÓRIO, Ubaldo. **A Ilha de Itaparica, história e tradição**. 4. ed. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1979.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. 3-15, 1989. Disponível em:

<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em: 22 out. 2023.

POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em:

<https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 22 out. 2023.

QUER uma boa opção para amanhã? Facebook, [Salvador] 30 jul. 2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/profile/100053410601434/search/?q=Maria%20Felipa%20da%20Contemporaneidade>.

Acesso em: 12 out. 2023.

SALVADOR. Câmara Municipal. **Lei n. 9.278/2017**. Dispõe sobre a delimitação e denominação dos bairros do Município de Salvador, Capital do Estado da Bahia, na forma que indica, e dá outras providências. Salvador, 20 set. 2017. Disponível em:

<https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/lei-ordinaria/2017/928/9278/lei-ordinaria-n-9278-2017-dispoe-sobre-a-delimitacao-e-denominacao-dos-bairros-do-municipio-de-salvador-capital-do-estado-da-bahia-na-forma-que-indica-e-da-outras-providencias>.

Acesso em: 07 out. 2022

SANTANA, Anália. Memória, diversidade étnico-racial e cosmovisão africano-brasileira: diálogos e experiências possíveis para a educação na contemporaneidade. *In*: ARAÚJO, Jurandir de Almeida; SANTOS, Deyse Luciano de Jesus; SOBRINHO, Raquel Alves e (org.). **Educar na e para a Diversidade**: lugares, saberes, práticas e conflitos. Curitiba: Editora CRV, 2017. p. 18-25.

SILVA, Livia Prata da. **Maria Felipa – uma heroína baiana**: a história ilustrada da heroína da independência do Brasil na Bahia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Visual – Design) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 208.

VIRGENS, Gildete. Maria Felipa, Heroína Negra. **Casa de Maria Felipa**. [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em:

<https://casademariafelipacuruzu.wordpress.com/2010/07/16/poesia-maria-felipa-heroi>. Acesso em: 08 out. 2022.

VIRGENS, Gildete. **Discurso proferido no Plenário [Câmara Municipal de Salvador] acompanhada de Jucimar Mota na figura arquetípica de Maria Felipa de Oliveira**. [Salvador], [28 jul. 2010]. Facebook, 22 ago. 2020. Disponível em:

<https://www.facebook.com/profile/100053410601434/search/?q=Curuzu%20Corredor%20Cultural%20da%20Liberdade>. Acesso em: 12 out. 2023.

UM ESPAÇO GUARDIÃO DA MEMÓRIA DA HEROÍNA NEGRA DA INDEPENDÊNCIA: A CASA DE MARIA FELIPA

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Lucineide Santos Vieira

Informações dos autores

Raphael Rodrigues Vieira Filho - Professor da Universidade do Estado da Bahia (DEDC I/UNEB). Vinculado ao PPG Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras e ao PPG Educação e Contemporaneidade. Doutor em História Social pela PUCSP e Pós-Doutor em Pesquisa pela Università degli Studi di Padova.

Contribuição de autoria: autor

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3411192290212546>

Lucineide Santos Vieira - Professora de História da rede estadual da Bahia, Mestre em Educação e Contemporaneidade, Licenciada em História/UFBA.

Contribuição de autoria: coautora

URL do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8544246819625934>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

VIEIRA FILHO, Raphael Rodrigues; VIEIRA, Lucineide Santos. Um espaço da memória da heroína negra da Independência: a casa de Maria Felipa. **Perspectivas e Diálogos:** Revista de História Social e Práticas de Ensino, Caetité, vol. 6, n. 12, 2023, p. 66 - 82. DOI: